

NOTICIA

Diretor-proprietário — OVIDIO DE CASTRO

Responsável por este número — A. Ramos

Ovidio de Castro

Lamentável desastre!

Na tarde de domingo, 22 de Julho findo, correu célere pela cidade a dolorosa notícia de um desastre de automóvel ocorrido na ladeira, chamada do Lobão, daí precipitando-se, em grande altura, para a Rua Pinto Fernandes o automóvel particular do sr. José Bennaton Filho e por este guiado.

Imediatamente acorrem ao local numerosas pessoas que, presas de grande emoção, verificaram o estado lastimável do veículo e sob o mesmo, horripilantemente, mutilados seus passageiros: Ovidio de Castro, d. Deolinda, sua esposa, Besinha, sua filha, José Bennaton Filho, seu genro e a professora srta. Nivalva Bennaton de Barros.

Transportados imediatamente para a Santa Casa, foram socorridos pelos médicos Drs. Sebastião de Oliveira Gomes, Célio Conde Leite, Miguel de Siqueira, Darwin Prado e Danilo Vieira.

Quase toda a população local compareceu à nossa Casa de Caridade para visitar os acidentados. No dia seguinte apresentavam melhoras, inclusive o Vidinho, em que pesasse uma certa desconfiança dos médicos e da Irmã Superiora da Santa Casa sobre a gravidade de seu estado.

Os acidentados, nesse dia, foram transportados para Lorena, menos o Ovidio que deveria permanecer em repouso.

Conquanto não passasse bem a noite de 2.ª para 3.ª feira, entretanto, aparentemente, não demons-

trava seu próximo desenlace.

Chamado o dr. Salim Felix, mais ou menos às 15 horas, julgou urgente seu transporte para Lorena, afim de, aí, ser operado.

Os médicos assistentes Drs. Sebastião e Darwin, julgaram oportuno melhorá-lo um pouco das condições em que se achava, ofegante e já em estado de coma, pois a crise de agravamento sobreveio muito rápida. Das 16 ho-

ras em diante, todo o esforço e desvelo foram desenvolvidos pelos facultativos, irmãs da Santa Casa e amigos presentes. Injeções, compressas, soros, trans-

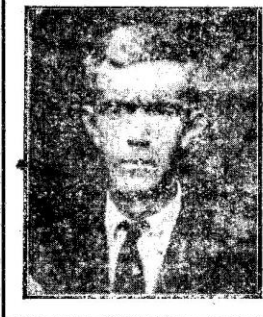
fusão — tudo foi aplicado — mas o desenlace se aproximava célere. Acompanhamos a agonia do Vidinho, mãos no pulso, indagações aos médicos, até que as 8 e quinze, deixamos o quarto para que os facultativos Drs. Sebastião e Darwin, auxiliados pelas irmãs pudessem ter mais liberdade de movimentos. Dez minutos depois a Irmã nos fazia entrar no quarto. Eram 8 e 25 minutos.

Pegamos, então, nas mãos do amigo de quarenta anos, sentimos suas últimas pulsações e percebemos que, sem a menor contorção fisionômi-

ca, sereno, resignado que sempre fora, deixou de pertencer ao número dos vivos.

Choramos sua morte. A lágrima é da contingência humana. Depois as cenas características: as Irmãs prepararam-no, vestem-no e meia hora depois, ei-lo pronto a "regressar" ao lar que tanto amara. Indescrevível o quadro de dor e desespero.

Durante a noite e todo o dia seguinte velaram seu corpo, os amigos, Foram-lhe prestadas as mais expressivas manifestações de pesar.



Marcado que foi seu sepultamento para as 17 hs. Não era, porém, um peregrino vulgar que marchasse ao léu da sorte palha, eis que vimos ao que pesasse sua aparente humildade estava seguro de sua força e de seu destino. Seu cérebro era todo um lampadário — lâmpadas votivas, incendiadas, iluminando, enfeitando, compondo sua admirável imaginação. Nas rugas horizontais de seu semblante trazia o selo da experiência e carregava em suas mãos o turbulo douado dos eleitos para o ritual, o incenso das musas, suas fleis companheiras de vigílias — cantor que fora da terra e da gente cachoeirense. Seu coração — escrínio aberto — sem laivos de paixão, sem guarida para vingança. Sobre tudo, porém, professava a religião cívica de amor à sua terra com fé, idolatria e até fanatismo. Ninguém o superou nesse culto e nessa dedicação.

Forma-se o préstito fúnebre e todos disputam a alça de seu caixão de ébano.

Além da presença das autoridades locais, compareceram o Dr. Artur Ramos Marques, promotor público de Lorena e da Comissão do 1.º Centenário daquela cidade e em

caráter particular, Mons. Dagoberto, Vigário da Paróquia.

A direção do veterano Cachoeira F. C. pediu à família, no que foi atendida, para que a bandeira desse clube cobrisse o esquife mortuário.

Chegando ao cemitério a grande onda humana tomou a palavra o prof. Agostinho que disse mais ou menos o seguinte: era mister, primeiro conter a emoção. Estávamos diante de uma realidade amarga — apagou-se uma luz e se derrocara uma das vigas mestras da terra cachoeirana.

Referiu-se que um caminheiro tombara, inanimado, ao longo da jornada. Não era, porém, um peregrino vulgar que marchasse ao léu da sorte palha, eis que vimos ao que pesasse sua aparente humildade estava seguro de sua força e de seu destino. Seu cérebro era todo um lampadário — lâmpadas votivas, incendiadas, iluminando, enfeitando, compondo sua admirável imaginação. Nas rugas horizontais de seu semblante trazia o selo da experiência e carregava em suas mãos o turbulo douado dos eleitos para o ritual, o incenso das musas, suas fleis companheiras de vigílias — cantor que fora da terra e da gente cachoeirense. Seu coração — escrínio aberto — sem laivos de paixão, sem guarida para vingança. Sobre tudo, porém, professava a religião cívica de amor à sua terra com fé, idolatria e até fanatismo. Ninguém o superou nesse culto e nessa dedicação.

Poeta de nascença e

(Continúa na 4.ª página)

Algumas palavras em torno de OVIDIO DE CASTRO

Escrever sobre a personalidade marcante de um cachoeirense de valor é sempre agradável, se tal não fôra em momento trágico — doloroso como viveu Cachoeira, como vivemos todos nós.

Ovidio de Castro... alma e coração... pensamento e ação... palavra e obra... o mais cachoeirense dos cachoeirenses...

Lembranças e fatos que se desenrolam e entrelaçam em nosso cérebro gerando cismas e admiração.

Homem que encarnou em si todo o solo cachoeirense. Em cujo peito palpitou mais ardente a grande alma do torrão natal.

Que «nua mão, sempre o papel noutra a pena», recamou de loiros, esperanças e venturas o porvir deste rincão querido.

Ovidio de Castro Não bastam, para atirar a merecida luz sobre a personalidade inconfundível deste homem defensor dos ideais de progresso e engrandecimento de sua terra, as palavras de passagem que lhe são concedidas no jornal.

Muito menos recordar a vida, os desejos, o trabalho impresso com que argamassou os alicerces da Cachoeira de ontem, de hoje, de amanhã.

Urgiria fazer muitíssimo mais.

Enquanto isto, num gesto instantâneo, lançamos algumas flores nesta trajetória estuante de ensinamentos e repetimos com Castro Alves:

«Tu deixarás na liça o terno guante,
Que há de colher as gerações futuras...»

E vão as flores atiradas dos pedúnculos preciosos de sua própria vida:

«Cachoeirense» — no papel, na prosa, esplanando idéias ou em renhidas polêmicas, era um admi-

rador, um sonhador, um entusiasta, um insuflador do bem, do progresso, da grandeza do pátrio solo. Soube amar Cachoeira como poucos amaram.

«Jornalista» — na ampolheta do tempo escoaram-se os anos em que o ba talha dor inconsciente compilou, redigiu, orientou e propagou com os tipos as diretrizes da luta pelo progresso, pela verdade, pelo bem deste povo.

«Poeta» — cantou a terra, seus feitos e seus homens. «Prata da Casa» é a imperecível lembrança daquela musa inspirada e sonora.

«Abnegado» — jamais esperou no metal sonante o tributo de seu trabalho. Antes consumiu com o seu trabalho grande porção de seus haveres.

«Perseverante» — embora fossem adversos os dias, jamais baqueou na mira de seus desejos e prosseguiu a meta ambicionada com denodo e firmeza.

«Despretensioso» — não auferia louvores ou ovações. Calmo e sereno afiançava sua pena no diapasão da paz e união da família cachoeirense.

Ovidio de Castro era tudo isto e mais ainda: um firme, um sacrificado, um paciente, um amigo, um vencedor, um exemplo de honestidade, um herói.

Os heróis possuem o singular mérito de serem luzeiros para as gerações novas.

Encerram em si misticas preciosas que seduzem e comovem, emocionam e nos fazem vibrar.

Cremos nos heróis e aprendemos a amá-los porque valorizam um povo.

E Ovidio de Castro é um herói-símbolo.

Encerra em si uma glória para Cachoeira. Amou e viveu Cachoeira.

O poeta da cidade

Morreu «seu» Vidinho!

A grande voz cachoeirense calou-se para sempre. Choram-no seus amigos e companheiros, mas eu o choro como se toda alma cachoeirense se transsubstanciasse no amor panteístico que ele dedicava à sua terra natal.

A individualidade poética de «seu» Vidinho, se formou e se fundiu nessas risonhas miragens das noites claras de Cachoeira e nos ensolarados dias cachoeirenses. Toda a vida da cidade, seu panorama cotidiano, a complexa visão de seus figurantes, as nuances da natureza, o vale de serra a serra, o rio lendário, o linguajar, os costumes, a tradição, cantigas, se enfeitam de encantos nos sonetos tão conterraneos e amigos da «Prata da Casa», letra do

E' a definição honrosa de um povo que sabe ser afoito e ser labutador e que será modelo e imortal.

Reverentemente curvamo-nos ante sua memória, rendendo-lhe aqui um pávido preito de grata admiração.

A. Mendes

Telegramas

Muitas condolências jornalistas Ovidio.

Alvaro Matias

— Família Ovidio de Castro. Cachoeira.

Sinceros pesames passamento Ovidio.

Jaime Torres

Cachoeira Paulista. S.P. A família de Ovidio de Castro aceite minhas condolências.

Hozair M. Marcondes

À Manoela de Castro. Condolências pelo passamento do papai.

Ortiz

— Lamentamos dolorosa perda caríssimo Ovidio.

Maria Stella José Elias

hino Ginásio Valparaíba e crônicas de «A Notícia».

E, agora, o grande amigo de Cachoeira morreu, levando para o túmulo os sonhos que sonhara — sonhos de grandeza e glória para esta terra que era sua e nossa terra.

«Abriguemo-nos à sombra da bandeira que o nosso poeta desfraldara e conquistemos para o torrão de Silva Caldas o lugar que ele merece.

Tenho certeza de que os poderes constituídos da cidade darão seu nome à uma das nossas ruas ou praças. E as crianças de amanhã em vendo a placa comemorativa, perguntarão às suas genitoras.

— Mamãe, quem foi Ovidio de Castro?

E as mães responderão, emocionadas.

— Foi o homem que mais amou Cachoeira.

E, então, «seu» Vidinho, — o senhor lá nas siderais alturas sorrirá feliz, porque nenhum outro título de glória, nenhuma outra homenagem valerá mais do que este:

— O cachoeirense que mais amou Cachoeira.

Alaide

Falecimento do Diretor do Jornal «A Notícia»

Abalou a cidade de Cachoeira Paulista a notícia do falecimento do sr. Ovidio de Castro (Vidinho), no dia 24 do corrente. Cidadão estimado e conceituado dirigia com carinho e imparcialidade o semanário «A Notícia», defendendo os interesses de Cachoeira Paulista.

A sua morte, embora causasse pesar entre a população, não foi surpresa, visto o desastre com o carro no qual se encontrava, causasse ao ilustre jornalista graves ferimentos, vindo a falecer às 8,25 daquela dia.

Deixou o extinto viúva d. Deolinda de Castro, filhas d. Besinha e d. Carminha, casadas com os srs. José Bennaton Filho e Carlos Ligabo Filho, e solteira a srta. Manoela, irmãos Chiquito e Pequeno e a neta srta. Nelly, que colaborava na confecção do jornal e vários netos.

De Lorena, compareceu ao féretro o dr. Artur Ramos Marques que foi também, representando a Comissão do Centenário.

Com a morte do sr. Ovidio de Castro, perde o jornalismo interiorano um dos seus mais ilustres representantes.

«A Voz de Lorena» compartilhando da dor do povo cachoeirense e da imprensa do interior, envia à família enlutada as suas condolências.

De «A Voz de Lorena»

Faleceu em Cachoeira Paulista um veterano da Imprensa da Região

O extinto era Diretor-Proprietário do jornal «A Notícia» da vizinha cidade - Notas

Lorena, 26 (Da Sincursal, A. A.) — Doloroso acontecimento colheu de surpresa a população da vizinha cidade de Cachoeira Paulista, quando na noite do dia 24 do corrente se tornou conhecido o falecimento do jornalista Ovidio de Castro, veterano da imprensa valeparaibana e diretor-proprietário do semanário «A Notícia» editado naquela localidade.

Ovidio de Castro tombou em consequência de um lamentável acidente de automóvel ocorrido domingo último em sua terra, quando no veículo fatídico viajava em companhia de pessoas de sua família. Não resistiu o valeroso e brilhante jornalista, ao impacto da morte que o levou para sempre, e toda a cidade que tanto o estimava e habituara-se a respeitá-lo pelos méritos da sua inteligência e cultura, curvou-se reverente, coberta de dor e de luto.

O sepultamento de Ovidio de Castro realizou-se no dia 25 no Cemitério da terra que ele tanto amou e defendeu.

Várias homenagens póstumas foram tributadas ao ilustre morto e dentre elas destacou-se o fechamento do comércio às 12 horas do dia 25 e por ocasião dos funerais.

O falecido deixa entre outros parentes, esposa e filhos.

A família enlutada e a cidade de Cachoeira Paulista consignamos nestas colunas os sentimentos de pesar desta folha.

De «A Tribuna» de Taubaté

Outras manifestações de pesar

Ainda pelo falecimento de Ovidio de Castro sua família recebeu manifestações de pesar das seguintes pessoas, por meio de cartas e cartões:

Artur Junior, d. Quininha Ribeiro, José Benedito, Francisco de Assis Salles.

Da Escola Normal «Prof. Homero Fortes»

Of. 21/56

Em, 26 de Julho de 1956.

Ilma. Snra.

Associando-se, esta Escola convosco pelo desenlace fatal de vosso estremo marido e queridíssimo filho, desta terra — Ovidio de Castro — ocorrido em 24 do corrente, cumpre-me o dever de vos apresentar sinceras condolências.

Apresento-vos os protestos de meu alto apreço e distinta consideração.

Homero Porto Gomes
Diretor

A

Ilma. Snra.
Deolinda Cavalheiro de Castro
Cachoeira Paulista.

Do Centro de Saúde local

Em 1.º de Agosto de 1956.

À Exma. Família
Ovidio de Castro

1 Na qualidade de médico-chefe deste Centro de Saúde venho pelo presente transmitir a essa digna Família, as nossas condolências pelo prematuro desaparecimento do Senhor Ovidio de Castro, cidadão de grande valor moral e intelectual, jornalista brilhante, cuja pena, sempre a serviço de causas nobres, prestou os melhores e mais assina-

lados serviços ao progresso deste município.

2 Cumpre-me também o grato dever de transmitir-lhes os sinceros agradecimentos desta Unidade Sanitária pela valiosa e espontânea colaboração que o saudoso extinto sempre prestou aos serviços oficiais de Saúde Pública em Cachoeira Paulista, divulgando com a melhor boa vontade, todos os comunicados de interesse público, bem como artigos e conselhos de educação e propaganda sanitária.

3 Sirvo-me do ensejo para apresentar a VV. SS. os protestos de meu alto apreço e distinta consideração.

O Médico Sanitarista
Dr. Célio Conde Leite

Oremus

Vidinho não tinha raiva de ninguém, mas de mim ele gostava. E quando um santo gosta da gente, fica-se com certos compromissos com a eternidade. Já coloquei as ações e as intenções, num prato da balança, entretanto, no outro prato consta que sou uma criatura sincera. E é sinceramente que quero falar no homem que foi, durante tantos anos, no silêncio de uma tipografia, o silencioso coração de uma cidade.

A única coisa que lhe reprovavam, o único defeito que encontravam nesse homem era o mesmo doce defeito que censuraram os fariseus outrora no Cristo: suas armas de combate eram a compreensão e a doçura. Nunca que ele levantasse a voz para a polêmica, nem para impor o seu ponto de vista. Guardava-o para si e procurava aprender o do eventual adversário. Estávamos, ele e eu, em polos opostos. O meu estilo era áspero e contundente e estou de acôrdo com o estrategista que afirmou ser a melhor defesa o ataque. Ele, se não chegava à imensidão daquele gesto de estender a outra face, buscava ignorar a ofensa e perdoar o pecador. Se acaso eu me demasiava nos ataques e meus artigos tinham aquele sal e aquela pimenta de que nunca estão completamente isentos, ele sorria, com a man-

sa e fina ironia que me desarmava infalivelmente, e não publicava.

— Não convém.

E sorria.

Quando eu procurava apaixonadamente expor idéias dele de novo me desarmava.

— Mas será que é assim mesmo.

E sorria.

Confesso que nunca pude brigar com o Vidinho. E não é que não fizesse por donde.

Dizia-lhe, um tanto venenosamente, pois sabia que não era verdade, que com essa história de não querer magoar ninguém, ele estava acendendo uma vela a Deus e uma lamparina ao satanaz.

E ele sorria.

— Você queima tôdas as suas velas ao diabo. E o que é que adianta isso? — respondia finalmente.

Não era possível brigar. Está aí o Agostinho Ramos que não me deixa mentir.

Ele era manso e humilde de coração, como quer o Evangelho.

Não sei em que céu ele se encontra, pois que céus já inventaram tantos. Mas creio que quando ele chegou com o último exemplar da «Notícia», deve ter rezado alguma oração parecida com esta.

«Pai nosso que estás no céu, que a tua vontade seja feita acima de tôdas as coisas, Pai. Que se cumpra em mim a tua destinação, santificado seja o Teu nome, tanto aqui como em Cachoeira, por todos os séculos dos séculos. Que o teu reino chegue até os que ficaram no vale de lágrimas e da degradação, como veio até mim. Seja feita a Tua santa vontade, Senhor, em tôdas as coisas, seja nos espaços siderais, seja na terra mais humilde. Não deixes faltar aos que deixei, o pão e a Graça. Não lhes deixes faltar o jornal que é o pão do espírito, nem a fé que é pão da al-

ma. Dá-lhes hoje o que lhes deste ontem, e que a minha falta seja sentida no coração, mas que alguém me continue, para te louvar, e para dar notícias,

assim seja.

Pois que melhor homenagem poderíamos prestar-lhe, que continuar a sua obra?

Como disse, no começo, sou uma criatura sincera. É possível que por via disso, algum dia me encontre em alguma alameda de algum insuspeitado paraíso, com o Vidinho, o eleito, que estará lendo as últimas notícias procedentes da terra. Eu sei o que ele fará, quando me vir. Erguerá os mansos olhos, de doçura inefável, e dirá mansamente, à sua velha maneira terrestre:

— Eu não disse que não adiantava brigar?

Ruth Guimarães

Prefeitura Municipal de Cach. Paulista

Of. N. 91/56.

Cachoeira Paulista, 25-7-1956.

À família Ovidio de Castro.

Esta Prefeitura, associando-se às homenagens póstumas que se prestam ao ilustre filho da terra cachoeirense, baluarte de seu progresso, defensor impertérito de suas mais nobres aspirações, cuja vida é uma página de amor e sacrifício dignos de serem apontados às novas gerações, apresenta à família enlutada suas mais sentidas condolências, e participa, outrossim, que numa modesta homenagem, insignificante embora ante a figura de realce daquela a quem é dirigida, deliberou suspender o expediente nesta repartição, no dia de hoje, bem como estender ao comércio local um apelo — atendido unanimemente —, para que cerrassem suas portas a partir das 12 horas.

Atenciosamente

Erasmio Pompéia Pinto
Prefeito Municipal

Em manifestação de pesar pelo desaparecimento do grande cachoeirense Ovidio de Castro, esta Prefeitura vem solicitar dos comerciantes em geral o fechamento de seus estabelecimentos hoje às 12 horas.

Cachoeira Paulista, 25-7-1956.

Erasmio Pompéia Pinto
Prefeito Municipal

Uma segunda lista, trazia no cabeçalho os seguintes dizeres:

O Comércio local, em pesar pelo falecimento inesperado de um dos maiores amigos desta cidade — Ovidio de Castro —, por resolução dos seus representantes abaixo assinados, cerra suas portas hoje ao meio dia, prestando assim a última home-

nagem aquele que tudo fez pela nossa cidade.

Cachoeira Paulista, 25-7-1956.

Assinaram essas duas listas os comerciantes:

Costa & Andrade
Mauro Pinto Fernandes
Banco Cooperativo
Maria Aparecida dos Santos
José Bueno Filho
Simão Halpern
Freire & Ferreira
Silvino Galvão Freire
Nelson dos Santos
Antonio Saciloti Filho
Luiz Tirello
José Younan Maklout
Euzébio Younan Maklout
José Alves Senne
E. T. Cruz
Maria Marton Barbosa
Pedro de Castro Souza
Sebastião Moreira Miguel
Aristogton Costa
Pedro Escobar
Carlos da Encarnação
Irmãos Ligabo
João Alter
M. S. Chailta
Isaías Ferreira
João M. Dabul
Alvaro Vieira de Resende
Fausto Costa
José Bastos Filho
Benedito Donato Caselli
Wilson Maruoco
Lucio Gualiato
Rossetti
Ivoneite Lourdes do Prado
João Cardoso de Oliveira
Domingos Alves Senne
João F. Storni
Sebastião Moreira da Silva
João Leite do Prado (pela Coop.)
Otacílio Figueiredo de Lima
Gentil Pereira
Banco Ribeiro Junqueira
Casa Libra
Mercadinho do Lar
Nelson Varella
Ignácio Rodrigues do Prado Filho
José de Araújo Lobão
Gil Roseira
Salão Cachoeirense
Aristóteles dos Santos Sobrinho
Percy Bazar
Francisco Agostinho Ananias
Maria José Pinto Barbosa
Sebastião de Oliveira Pontes
João Natal Boaventura
José Fernandes Bastos
Antonio Galvão Netto
N. R. Silva
Mário Augusto
José Pinto Fernandes
Djalma Andrade Silva
Antonio Leite da Silva
Joaquim Jorge de Carvalho
Norival da Silva Azevedo
Benedito Silva Barros
Antonio Buzato
Vinua Jair Costa
Esmerio Palmeira Guimarães
Sebastião Hummel
Aracy Capucho
José Bueno Filho
Paulo Pinto Fernandes
Manoel Duarte de Carvalho
Hacy Prado

Ovídio de Castro

(Continuação da 1.ª página)

por vocação, prosador, literato e jornalista soube manter o equilíbrio de sua pena.

Pobre, fez-se pelo trabalho contínuo e sem tréguas, exemplar chefe de família — era todo desvelo para os seus e, como cidadão deixa um vazio no meio social cachoeirense.

Depois de outras considerações refere-se à amizade de quarenta anos quando nesse transcurso respiraram os mesmos ares, conversaram as mesmas conversas... e agora Vidinho tu do lado de lá, nós do lado de cá, já te vemos envolto no

misterioso manto, insondável e eterno... a barca do sidéreo porto já te arrebatou para essas paragens sem fronteiras e sem fundo, para o mar imenso da eternidade... se-la que flutua, que balouça e tr solitário «nauta que ao Eterno vai» nos enviando teu último adeus, já té escondes no seio do infinito, onde?... nem sabemos enquanto aqui na terra, tua cidade se veste de luto, há consternação nos semblantes, o comércio encerrou suas atividades e a própria bandeira da Pátria é, em tua homenagem, hasteada em funeral... Não trago um ramo de cipreste para colocar em teu caixão — trago, a pedido da tua esposa, para que te faça companhia no fundo da tua fria sepultura, o último número de «A Notícia» — da tua «A Notícia» que de ora avante está orfanada.

A seguir o Dr. Célio Conde Leite falou em nome do Prefeito, da Câmara Municipal e da União Espirita Cachoeirense.

Sua oração, profundamente sentida, exaltou a personalidade de Ovídio de Castro sob várias formas, tendo-lhe o elogio póstumo e dizendo do muito que ele fizera por tudo que em Cachoeira tivesse o sentido do bem.

Seguiu-se com a palavra o prof. José de Miranda Alves que proferiu o seguinte discurso:

Senhores,

«Impuz, a mim mesmo, o dever de falar à beira do túmulo de Ovídio de Castro, e isso porque, se há mais de 15 anos escrevo na «A Notícia», se era sempre procurado por esse homem para escrever em seu jornal, se «A Notícia» é mesmo a criadora do Cirano de Silveiras, se ele era um dos grandes amigos que eu possuía, se é verdade que ele enxergava em mim qualidades que não possuía, chegando mesmo a me presentear com um soneto, se sua vida estava voltada para esta terra que tanto estremssemos e que já é a terra de um dos meus filhos, se aqui vivemos dando tudo o que possuímos em nosso coração e em nossa inteligência para que Cachoeira seja cada vez maior, nada mais justo do que esta obrigação, esta dívida que procuro pagar neste momento. Quero retribuir em público o quanto era considerado por este grande cachoeirense.

Perdemos o Vidinho, o filho insubstituível, a alma boa e pacífica, o porta voz da Terra de Silva Caldas, o guia da cidade, o jornalista intrínseco na defesa de sua terra, o poeta desprendido, não boêmio mas estoico, não indiferente mas lutador, aparentemente frio mas cheio de calor por sua cidade e por sua gente. Modesto, tocando as raízes da humildade, desprendido de bens materiais, sacrificando outros afazeres mais lucrativos para manter o seu jornal, este exemplo de patriota nos deixa cheios de pesar e de saudades.

Que sua morte sirva para despertar em nós o desejo daquela união, que ele sempre pregava, para o progresso do município. Que sua capacidade de sofrimento seja um lenitivo para a sociedade, pois que, mesmo na pobreza, ainda existem homens superiores. Hoje fazemos justiça a um grande homem, e justiça pura, sem segundas intenções, porque decantamos as virtudes de um homem pobre. De um homem que vai para o outro lado, de um homem que perdeu neste mundo a batalha da conquista do ouro, mas que venceu na batalha humana conquistando o nosso reconhecimento. Era a voz que apontava o que devíamos fazer para embelezar a cidade, que trabalhava sem cessar em sua folha, para que nossos olhos, aos domingos, pudessem ler aqueles fatos e movimentos que mantinham

sua terra viva e buscando felicidade. Ovídio no trabalho se sacrificava, mas no sacrifício encontrava a paz.

Era de um espírito suave. Tal qual como Francisco de Assis, seria capaz de se conder de uma pedra que estivesse exposta à violência dourada dos raios do Sol. Seria capaz de transformar sua sombra num pillo, para abrigar a agonia de um inseto. E por isso foi capaz de dar-se a si mesmo, à sua Cachoeira Paulista, mostrando-nos que na terra fica a luz dos feitos daqueles que sabem amar».

Finalmente falou, com grande emoção, o sr. Wagner Marcondes.

Estava tudo terminado. Retiramos quando já escurecia e o campo santo abandonado pelos vivos difundia a filosofia do Noivado do Sepulcro... «só tem descanso quem ali baixou»...

A.
— Ovídio de Castro, nascido nesta cidade no dia 3 de Junho de 1890, contava, portanto, 66 anos de idade. Foram seus pais: Florival de Castro e d. Georgina de Castro.

Deixa viúva d. Deolinda Cavalheiro de Castro e as seguintes filhas: Isabel, casada com o sr. José Benediton Filho; Maria do Carmo casada com o sr. Carlos Ligabo Filho e Manoela, solteira.

Eram seus irmãos: Antonio de Castro, falecido, casado com d. Dulce Lorena de Castro, d. Pequena de Castro Nogueira, casada com o sr. Silvino Nogueira e Francisco de Castro, casado com d. Lily Machado de Castro.

Dedicando-se desde criança ao ramo gráfico, à imprensa e à literatura a eles se afeiçoou de tal forma que toda sua vida esteve circunscrita a esse ciclo.

Somos imensamente gratos a todos os nossos colegas de imprensa, não só desta região como de outras e, bem assim, aos jornais de São Paulo e Rádio Tupi pelas referências elogiosas com que notificaram o infausto passamento de Ovídio de Castro. Já havíamos impresso a 2.ª e 3.ª página quando esses jornais chegaram às nossas mãos. Dada à extensão desse noticiário não dispomos de espaço para inseri-lo neste número.

Agradecimento

A Família de Ovídio de Castro vem por este meio agradecer, profundamente, a todos os que se associaram à dor por que passou. Sentiu que o povo acompanhou seu chefe desde seu falecimento até seu sepultamento. Bem percebeu quanta dedicação dos ilustres facultativos Drs. Sebastião de Oliveira Gomes, Miguel de Siqueira, Darwin A. Prado, Célio Conde Leite, Danilo Vieira e Salim Felix e da assistência e desvelo das piedosas e solícitas irmãs da Santa Casa sob a competente direção da Irmã Superiora; às manifestações de pesar da imprensa, do rádio, do elemento oficial, do comércio local e tantas outras demonstrações que tanto penhoraram seu coração.

Cachoeira Paulista, 1.º de Agosto de 1956.

— Falecimento

— Na avançada idade de 94 anos faleceu nesta cidade, no dia 7 do corrente a veneranda professora d. Joaquina Bueno Moreira (d. Quinhã). Ao seu sepultamento, além das pessoas amigas compareceram as Irmandades religiosas e uma representação do Grupo Escolar «Dr. Evangelista Rodrigues», onde a falecida lecionara tantos anos.

Newton de Barros no «Correio da Lavoura» de Nova Iguaçu, escreveu em prosa e verso sobre Ovídio de Castro.

Que belo trabalho!

«Gazeta da Bocaina»

No dia 19 de Julho de 1883 — há, portanto, 73 anos — circulou o 1.º n.º de «A Gazeta da Bocaina» sob a direção de Pedro Teixeira.

A «A Notícia»

O último n.º desta folha circulou no dia 14 de Julho, ou sejam, exatamente 30 anos de existência.

Fundada por Agostinho Ramos seu 1.º número foi distribuído no dia 11 de Julho de 1926.

O nome de «A Notícia» proveio de uma votação popular, com voto a descoberto porque o eleitor de, então, assinava sua cédula.

Esteve sob a direção do prof. Agostinho Ramos até 2 de Dezembro de 1928, data em que passou às mãos do dr. Milton Pina e Ovídio de Castro. A 23 de Fevereiro de 1929, deixando o dr. Milton sua direção, assumiu-a Ovídio de Castro, que se manteve nesse posto até seu falecimento.

A «A Notícia» é uma tradição e uma tradição não se interrompe ou não se extingue, assim, tão facilmente.

A pena que há trinta anos escreveu, festivamente, o artigo de apresentação deste jornal, aos anseios da mocidade, é a mesma que agora, já outonal, treme de emoção para dizer que a «A Notícia» angustiada se despede da terra e do povo cachoeirense e, a seu ocaso, se recolhe.